

LUIZ D'AQUINO E BARBOSA JUNIOR

217
7
Coplas da Revista
O' DA GUARDA!

Em 3 actos e 12 quadros

Ampliada com os quadros novos

A PATIFA DA PRIMAVERA,

COMPANHIA DAS AGUAS,

SÃO ORDES!

Musica de Philippe Duarte

e Luiz Filgueiras

Representada pela primeira vez no

THEATRO DO PRINCIPE REAL

a 6 de Abril de 1907



LISBOA

A LIBERAL — *Officina Typographica*

216, Rua de S. Paulo, 216

1907

9162
14833
LUIZ D'AQUINO E BARBOSA JUNIOR

Goplas da Revista

O' DA GUARDA!

Em 3 actos e 12 quadros

Ampliada com os quadros novos

A PATIFA DA PRIMAVERA,

COMPANHIA DAS AGUAS,

SÃO ORDES!

Musica de Filippe Duarte

e Luiz Filgueiras

Representada pela primeira vez no

7
THEATRO DO PRINCIPE REAL

a 6 de Abril de 1907



LISBOA

A LIBERAL — *Officina Typographica*

216, Rua de S. Paulo, 216

1907

O' da Guarda!

1.º ACTO — 1.º QUADRO

Côro de guardas e apalpadeiras

Fiscaes, apalpadeiras, etc.
Do réles contrabando da vil morte...
Aqui não ha candonga nem penetra
Qualquer, sem ter em regra o passaporte.

A Parca

A Parca terrível,
Que ceifa, sem dó,
O mais intangível
E o pobre qual Job,
Eu sou do Destino,
O fado infallível,
Atróz e ferino,
Fatal, invencível!
No campo da morte
Se abatem tristezas,
Mendigos, duquezas,
Ninguem foge á sorte!
Banqueiros, mariolas,
Acabam ao par,
Honestos, farçolas,
Aqui vêm parar!

(*Côro repete*)

Tercetto das Parcas

As parcas, bem o vês,
Nós somos tres, apenas tres, réz-véz!
D'um golpe, assim, zás-tráz,
Rude e feroz, se nos apraz-zás-tráz!
A vida nós cortamos
E anniquillamos,
Sim, decepamos,

Do typo mais soez
Ao mais sagaz
E mais lambaz,
Nós somos tres, apenas tres,
Que a Satanaz,
D'um só gilvaz,
Assim, réz-véz,
Qualquer freguez
Damos em paz,
Se nos apraz.

Fado

ZÉ, VENTURA E M.^a DA FONTE

ZÉ

Já morreu o Zé da Berra,
Já morreu e pobre Zé!
Hoje o Zé que anda na terra
Tem nas veias capilé.

Ai Zé que foste Zé!
Ai Zé que já não és!
Ai Zé que te viraram
Da cabeça para os pés.

M.^a DA FONTE

Já Marias destemidas
Não ha lá de monte a monte;
Ha sómente Margaridas
Das que vão de bilha á fonte.

Tu já fostes Maria,
Maria já não és;
Maria estás virada
Da cabeça para os pés.

2.º QUADRO

Ensemble do pregão e coro

GAROTOS

Olha o Seculo e a Vanguarda!

CORO

O pregão. com alegria,
E' bem alto já soltar!

UMA PEIXEIRA

Pescadá! Robalo e sarda!

CORO

Pois começa alegre o dia
Na cidade o despontar.

HORTALICEIROS

Boas couves, ó meninas

CORO

Comprem, comprem, na Ribeira,
Que não ha tempo a perder!

LEITEIROS

Leite fresco!

HOMEM DAS SINAS

Quem quer sinas!

CORO

Pois a Praça da Figueira
Já não tem para vender.

Gallegos e Coro

GALLEGOS

O da guarda, peixe frito!

TODOS

O que foi que se passou?

GALLEGOS

Foi o céu que dezabou!
Toquem, toquem o apito!

TODOS

Tal mysterio põe á brocha
Toda a gente de juizo...
O que está dentro da trouxa
Já saber é que é preciso.

Peixeira

Desde que ha pesca d'arrasto,
Anda o povo como um ôdre,
S'tá mais gordo, tem bom pasto:
Não lhe falta o peixe pôdre.

Morre á fome o pescador,
Mas o peixe a rodos anda!
De conserva, no vapor,
Fede a ratos que trezanda!

O peixe moido,
Que é só para o povo,
Depois de cozido,
Té parece novo!

O côro repete)

Toda a gente come palha,
O caso é saber-lha dar;
Peixe espada, quando calha,
Come até, sem ser do mar!

Sem sardinha ou carapau,
Não havendo outro recurso,
O Zé come bacalhau,
Come até comida d'urso!

O peixe moido, etc.

O goraz, de bocca aberta,
Faz-se fino co'a faneca;
E o besugo põe-se alerta,
Com qualquer linda alforréca...

Mas quem gosta das enguias,
E as engole, d'uma vez;
São as primas, mais as tias,
D'um sujeito, meu freguez.

O peixe moido, etc.

Eu cá tenho uma fregueza,
Que usa uns modos desabridos,
Mas que é só delicadeza,
Com os peixes mais compridos...

Quando apanha boa eiróz,
Muda logo de feitio...
E até mesmo treme a vóz,
Se lhe dou um bom safio.

O peixe moido, etc.

Opinião

Tem na assistencia, alli defronte, um
'apelhos
Os miseros que taes mixordias tragam
Bem diz o povo n'um dictado velho:
'Onde se fazem é onde se pagam.'

Comendo aqui os generos perdidos,
Avariados, pôdres ou reimosos,
Antes da morte, os pobres desvalidos,
A honra têm de ser tuberculosos.

Mas para a obra ser completa, a serio,
Junto ao mercado e junto ao despensario,
Deviam pôr tambem um cemiterio
E o respectivo agente funerario.

Mexias

Eu xá fui um ditador,
Mas na epocha actual,
Xou Mexias xalvador,
Xou um grande liberal!

Xou liberal,
Xou liberal,
Xou liberal,
E xou casmurro!
Xou liberal,
Xou liberal,
Xou liberal,
Mas como um burro!

(O côro repete)

Democrata xou tambem,
Hei de xer tudo afinal!
Tudo xou que me convem;
Xou um grande liberal.

Xou liberal,
Xou liberal,
Xou liberal,
E xou casmurro!
Xou liberal,
Xou liberal,
Xou liberal,
Mas como um burro!

(O côro repete)

A COUVE

Já não há couve choruda,
Sem adubos e sem rega.

ALFACE

Boa alface, ramalhuda,
Acabou n'uma bodega.

NABO

Sou um nabo já sem rama,
Sou um nabo decahido...

TOMATE

Já não tem a côr da chama
O tomate bem s'premido...

TODOS

Já não ha tomates,
Já não ha limões;
P'ra mal dos penates,
Já não ha feijões.
Tudo a rama perde,
Já não ha nabiça,
Foi-se o caldo verde,
Mais a hortaliça.

A COUVE

Não dá agua a companhia,
Não tem agua o contador.

A ALFACE

Nada a terra agora cria
E anda secco o regador.

O NABO

O espinafre abaixa a prôa,
O pepino murcha todo...

O TOMATE

E o tomate cae á tôa
E não dá já a calda a rôdo.

TODOS

Já não ha tomates
etc., etc., etc.

1.º BONECO

Qual expresso, eu vim de Marte,
Do paiz eu sou a praga;
Ao sahir d'aquella parte,
Corro abaixo alli de Braga!
De comboio ou de carrinho,
Venho da Serra da Estrella,
E vou logo direitinho
Dar co' as ventas em Palmella!

2.º Boneco

A Justiça anda a matroca!

3.º BONECO

A marinha quer justiça!

4.º BONECO

Toda a estranja péde bróca!

5.º BONECO

E nas obras ha preguiça!

6.º BONECO

Pr'a ser soldado, sou austriaco,
Sou, p'ra Banqueiros, portuguez;
Ha quem me chame ahi maniaeco,
Mas o que eu sou é tyrolez!

Tyro-tyro-tyro-liro,
Sirvo p'ra tapar buracos!
Tyro-tyro-tyro-liro,
Já cá cantam os tabacos!

TODOS

Tyro-tyro-tyro-liro,
Serve p'ra tapar buracos!
Tyro-tyro-tyro-liro,
Já cá cantam os tabacos!

Duetto da ginja e melão

MELÃO

Cabecinha, pelladinha,
Sou tal qual o bom melão;
De cabeça redondinha,
Inda tenho... opinião...

GINJA

Sou ginginha, engelhadinha,
Mas se houver occasião,
Inda faço uma perninha,
Entro ainda na função...

MELÃO

Chega-te carinhas
Para as barraquinhas!

GINJA

Deixa-me carças,
Que eu não 'stou p'ra graças!

MELÃO

O janota, patriota
Inda ás vezes se endireita;
Não tem medo da chacota,
Se com elle alguém se enfeita.

GINJA

A velbota, que é devota
Da murraça, bem 'scoreita,
Inda bebe co' a canhota,
Se não póde co' a direita.

Castanha

Eis aqui a rija castanha—bis
Que tudo esborracha } bis
E a todos apanha ! }

MARMELLO

Mas depois, lá vem o marmello—bis
Que a prôa te abaixa, } bis
Coçando-te o pêllo ! }

VENTURA

Assim mesmo é que é já cantar-lhe!—bis
Se el' tanto nos racha, } bis
E' dar-lhe que dar-lhe ! }

3.º QUADRO

A Patifa da Primavera

Côro de Borboletas

Borboletas, mariposas,
Scintillando, multicores,
Levemente, graciosas,
Adejamos entre as flôres...

Volitando,
Perpassando,
Mal pouzamos
Nos jasmims ..
N'esta lida,
Eis a vida
que levamos
nos jardins.

Aos velhotes, namorados,
Nossas azas entontecem
Em nos vendo, já babados,
Os vegetes tudo esquecem.

Rainha das Flores

Eis a estação das flores,
Bella estação d'amores...
Quem sabe amar,
Na primavera,
Pode gozar
Em toda a esphera !

A moral triumphante
Não é, não, mais chibante !
Dá-me Xuão,
Meu hortelão,
Audaz provocação !

Côro repete

RAINHA

A tal ditadura
Quer dizer tesura...
O xim do Xuão
Quer dizer que não...

Só é liberal
A municipal...

Quem fizer chiada,
Leva peixe espada...

Côro

Sempre sae victoriosa
A Patifa, com malicia,
Tendo ás ordens, radiosa,
Toda a força da policia !

RAINHA

Quem tenha uma idêa
Vae para a cadeia...

Quem não fôr franquista,
Fica sem alpista...

Ser contra o Mexias,
Quer dizer Caxias
E, se fôr peor,
Quer dizer Timor.

Côro

Sempre sae victoriosa, etc.

As flores politicas

TODOS

Eis as lindas flores,
P'ra todas as criticas,
De todas as côres,
Todas as politicas,

O LYRIO — Eu sou o lyrio.

A DORMIDEIRA — A dormideira.

O GIRASOL — O Girasol.

O AMOR PERFEITO — O amor perfeito.

A VIOLETA — A violeta.

A SARDINHEIRA — A sardinheira.

A ROSA — A linda rosa
Para o peito.

TODOS

Eis as lindas flores, etc.

Rosa

Dona Rosa disse ao lyrio,
Meu delirio,

E' p'lo bello amor perfeito!

E a violeta, ao girasol,

P'ra pharol,

Tu, só tu, é que tens geito...

VIOLETA

Mas depois a dormideira,
Sardinheira,

Diz-lhe assim. ó minha vida!

Vem dormir em meu regaço,

N'um abraço,

Noiva minha estremecida!...

Flor d'abril, flor de Tojo

FLOR DE TOJO

O meu nome é Flor de Tojo,
Tão selvagem como o cardo,
E cantando com arrôjo,
Já salvei o Zé Ricardo.

FLOR D'ABRIL

Mas ha tres annos fez grande mudança,
Com a politica de ponto em branco,
Vendo os partidos todos n'uma dança,
Agarrou-se ao João Branco.

Quando tu fallas julgo ouvir,
Mais um discurso no Chiado...

FLOR DE TOJO

Fallando tu, julgo eu sentir
O Bernardino, o tal Machado...

FLOR D'ABRIL

A tua voz, tão liberal,
Parece vir do meu terreno...

FLOR DE TOJO

Eu lá caçava menos mal,
Mas o poleiro é mais ameno...

FLOR D'ABRIL

Eu adero os teus discursos.

FLOR DE TOJO

Fallo apenas para os ursos.

FLOR D'ABRIL

Gosto de ouvir
O teu xim, axim...

FLOR DE TOJO

Gosto de ouvir
O teu rom...

FLOR D'ABRIL

Ah!

Mais do teu lindo som...

FLOR DE TOJO

Eu mais do teu rom, rom.

FLOR D'ABRIL

Gosto d'ouvir
O teu xim, axim.

FLOR DE TOJO

Gosto de ouvir
O teu rom!

A Espiga

Sou d'um paiz extraordinario,
Sou 'spiga, exotica, inimiga,
Dou trigo chôcho e ordinario,
Emfim eu sou mesmo... uma espiga...
Cantiga!

Só dos graúdos, poderosos,
Eu encho á farta as vãs barrigas,
Mas aos famintos, aos leprosos,
Só dou lambada... ou geropigas...
Cantigas (bis)

Ai! que fadigas! (bis)
Ha na politica na intriga
Cantigas (bis)

Mas todos gostam d'essa espiga...

Certo finorio, prégador,
Andou p'la baixa em choramiga,
Dizendo que era o salvador
Da nossa patria e da barriga...

Cantiga...

Trepou até os quarto andares,
Jurou matar saramantigas,
Mas no poder, co'os novos ares,
Comeu a isca... e fez-nos figas...

Cantigas, (bis)

Ai que fadigas... (bis)
Ha da politica na intriga...

Cantigas (bis)

Mas para nós é que é a espiga.

**O cravo a alcachofra
e o mangerico**

O CRAVO

Eis o cravo, fero e bravo,
Esse cravo tão cantado,
Por haver cá tanto cravo,
E' que está tudo encravado.

Vira, vira, mangerico,
Que a alcachofra tem seu pico... } Bis

ALCACHOFRA

O Mexias vae queimar
Alcachofras, com ternura,
P'ra saber se póde amar
Muito tempo a ditadura.

Vira, vira, mangerico, etc.

VENTURA

N'este cravo eu já me abrazo,
Já me sinto n'um calor,
Quem me déra ser o vaso
P'ra conter tão linda flôr!

Vira, vira, mangerico etc.

MANGERICO

Se não cála já o bico,
Vou-lhe ás ventas, mais ao vaso,
Tenho aqui o mangerico,
E vae tudo, tudo, razo!

Vira, vira, mangerico etc.

VENTURA

O' meu palucia safado,
Vê se acabas co'a cantiga,
Senão ficas encravado:
Vaes pr'á Quinta da Formiga.

SAVALIDADE

Vou p'rá Quinta da Formiga,
Vou já sim, mas sem demora;
Mas tu, com tanta cantiga,
E' que vaes puxar a nóra.

VENTURA

Tu dizes que és mangerico,
Mas confesso azabumbado:
Nunca vi um mangerico
De pé torto e revirado.

SAVALIDADE

E voltando á vacca fria:
—Não me tomes por algôz—
Mas tu és muito par'cido
Com esse tal Pápá-roz.

VENTURA

Não me chames Pápá-roz,
Tudo junto, assim de chapa,
Devidamos isso ao meio
Sou arroz, tu és o Papa.

SAVALIDADE

Eu o Papa e tu arroz,
Fico eu cá de bom partido:
Porque o Pápá é sempre Pápá
E o arroz é que é comido.

VENTURA

N'este diz tu, direi eu,
Estou a vêr, não tarda nada,
Que um dia, á falta de rimas,
Acabamos á lambada.

SAVALIDADE

Se eu pudesse agora mesmo
Já fazer o meu protesto...
(Tapando a bocca e olhando para a frisa
da esquerda
Não posso dizer o resto

2.º ACTO — 5.º QUADRO

Côro de jornaleiros

Já fazer chinfrim convem,
Vamos todos protestar!
O governo, a mal ou bem,
Ha de ter que nos gramar!
Só os pobres jornaleiros

E' que foram á dególa,
Mas, p'ros grandes trapaceiros,
Ferve sempre a caçarola.
Mas aqui, ou comem todos,
Ou, então, por egualdade,
Se faltar a massa a rôdos,
Ha-de haver moralidade.

Arroz fingido

Estes mesmos jornaleiros,
Que estão sendo discutidos,
Não são, creia, verdadeiros,
Quasi todos são fingidos.

Quando eu fui posto na rua,
Minha esposa disse e bem,
Tu pareces s'tar na lua.....

Traz os tempos, tempos vêm.
Se não tens mais que se coma,
Por agora, meu marido,
Toma lá, que vaes p'ra Roma,
Toma, toma, arroz fingido.

De moderno e tolerante,
O governo, a presumir,
E' apenas, o farçante,
Liberal, mas a fingir.

Não te importes d'ir p'rá rua,
Bem diz, pois, minha mulher,
Já comeste, pois jejuar,
Que inda tornas a comer.
Se não tens mais que se coma, etc.

D. Escolastica

O meu primo, o meu primo, que é o Abel,
—bis

Escreveu-me uma cartinha,
Escreveu-me, escreveu-me uma carti-
nha...

Ai, mais doce, ai mais doce do que o mel!
—bis

Mas metteu, mas metteu-lhe uma entreli-
nha...

Tó-tó-ti-fi-a-dó-
fi-a-dó-se-qué-ica-ica-i-sardá
Tó-ti-ti!.....
Fi-a-dó-se-qué!

Um lugar, um lugar me deu a mim—bis
Em que eu fiz figura d'urso!—bis

Mas depois, mas depois o tal Caim—bis
Poz-me fóra do concurso.

Poz-me fóra, logo fóra do concurso.

Tó-tó-ti-fi-a-dó-
fi-a-dó-se-qué-ica-ica-i-sardá
Tó-tó-ti!.....
Fi-a-dó-se-qué!

Pouco tarda, pouco tarda já, porem...
—bis

Que o tal homem caia, em summa,
Que o tal homem, que o tal homem, caia
em summa.

Vae p'ró tio, vae p'ró tio ou vae p'rá
mãe;—bis

E não faz falta nenhuma,
E não faz e não faz falta nenhuma.

Por agora, por agora, no entanto,—bis
Inda temos que gramal-o!

Inda temos, inda temos, que gramal-o!
Té que ao dar-lhe, té que ao dar-lhe, um
mau quebranto—bis

Elle dê tambem um s'talo,
Elle dê, elle dê, tambem um 'stallo!—bis

Tó-tó-ti, etc.

Mas se a couza, mas se a couza, se aguen-
tar—bis

Isso então é que é peor,
Isso então, isso então, é qué peor!

É soffrer, é soffrer, sem repontar—bis

Que o callado é o melhor,
Que o callado, que o callado, é o melho
—bi

Tó-tó-ti etc.

As libras

Assim juntinhas, bem ao par,
Agora andamos, loiras bellas,
Sempre a luzir, a scintillar
Tal qual no céo, como as estrellas.
Desde o contracto dos tabacos,
Que á todos somos accessiveis,
Já se acabaram os patacos
E as sujas notas impossiveis.

Ai, como a libra—bis
Não ha no mundo, não, equal.
Somos a fibra, a vera fibra
Do movimento universal.

Não nos resistem usurarios,
Que ao nosso apêlo correm prestos;
Nós convertemos funcionarios,
Dos mais burlões aos mais honestos!
Mulher casada ou virgem pura,
Quer seja bella ou um tição,
Nenhuma, emfim, tem a bravura
De nos fugir á tentação.

Ai, como a libra—bis
Não ha no mundo, não, equal.
Somos a fibra, a vera fibra
Do movimento universal.

Numero da Cega-Rega

1.º CEGA-REGA

O meu primo que é padrinho d'um ser-
vente,
Foi pedir uma commenda para mim.

2.º CEGA-REGA

O servente requereu a um parente
D'um continuo, que se chama Seraphim.

3.º CEGA-REGA

O continuo tem namoro c'oa creada
Do sobrinho do ministro Paes Grainha.

4.º CEGA-REGA

Que lhe disse, minha prenda idolatrada,
Vê se arranjas essa coisa, Marianninha.

5.º CEGA-REGA

A creada foi pedir á D. Brites,
Que é comadre do ministro já citado.

6.º CEGA-REGA

D. Brites dirigiu-se ao *Apetites*,
Que é a alcunha d'um futuro deputado.

7.º CEGA-REGA

O futuro deputado. tefe-tefe,
Fez empenhos junto ao Soisa, secretario.

8.º CEGA-REGA

Vae o Soisa logo foi direito ao chefe,
Que fallou n'esse negocio ao Belizario.

9.º CEGA-REGA

Este pôz apontamentos no registro
Dos empregos e pedidos de favor.

10.º CEGA-REGA

E attendendo a taes empenhos, o ministro,
Fez dum burro logo ali commendador.

11.º CEGA-REGA

Aqui tem como se arranjam monopolios,
Syndicatos, privilegios, concessões.

VENTURA

Basta untar os machinismos com os oleos
Com que a gente compra os bellos di os
melões.

Os 7 monopolios

Eis os sete monopolios principaes,
Mais ou menos com rasuras e entrelinhas;
Recebendo commissões e coisas mais,
Arranjaram-se por cá muitas vidinhas.
Morre á fome em Portugal o povo ignaro,
Que por nós é bem sugado e espoleado;
Come pouco, é mal servido e paga caro,
Mas nós temos o *papinho* recheado.

Mata-gente

Braga vê por um canudo,
Quem se põe á minha frente;
Tudo esmago, esmago tudo:
Eu cá sou o mata-gente.
Ando n'essas avenidas,
Sempre n'elles a matar,
Pois o tal meu salva-vidas
O que serve é p'rás tirar.

Sem descanso, gira o trolley,
Sempre a nove, n'este afan,

Quanto aos outros que se amolem,
Que eu bem toco o meu tantan.

Ventura

E' Lisboa a si mesma bem contraria.
Diz a Avenida ser da Liberdade,
Mas tem ao fundo a tal Penitenciaria
E andam sempre a vedal-a e com grade.

Defronte do Castello, fica a Graça,
Que não tem, isso não, graça nenhuma,
P'ra lá chegar, é mesmo uma desgraça—
Uma pessoa chega a deitar espuma.—

Mas, para mim, o caso mais ratão,
D'entre tantas, tão varias chuchadeiras,
E' uma rua haver do Capellão,
Onde á certa não ha frades nem freira s

Onde o Christo não teve desprazeres,
Ha um largo chamado do Calvario.
Cemiterio se chama dos Prazeres
Ao Campo que é da dôr o sanctuario.

E' Boa-Hora a casa fatalista
Onde em má hora a gente dá entrada,
A Tapada é aberta e a Bella Vista
E' que p'los lados todos é tapada.

Mas uma couza ha mais pyramidal,
A destacar de tanto caso incerto,
Haver uma receita eventual,
Que é tudo quanto temos de mais certo.

II

A Ajuda não ajuda mesmo nada;
Sem custo só a sobem os lanceiros:
No largo que se diz da Annunciada,
Não ha um só annuncio nem letreiros.

A rua d'Alegria é só tristeza,
A tal do Bemformoso, é chuchadeira,
Na rua dos Lagares, com certeza,
Não se faz, nem azeite de purgueira.

Mas aquillo a que eu digo: t'arrenego!
E me chega a dar volta cá ao barco,
E' haver esse tal Arco do Cego,
Sem ter cego e sem mesmo ter um arco!

Na rua que é d'Achada, nunca achei,
Cousa alguma, até hoje, infelizmente,
Não me entendo e nem mesmo entenderei
Co' o largo, que se chama do Intendente.

Na Bica do Sapato do Roteiro,
Ha só bica, mas não ha nenhum sapato;
Essa rua das Flores, se tem cheiro,
Não é d'ellas, que m' o diz o meu olfato.

O tal largo, onde existe o Parlamento,
E' das côrtes, essas côrtes afamadas,
Que se abrem, de momento p'ra momento,
Mas que estão afinal, sempre fechadas!..

6.º QUADRO

Coplas da Banhista e côro

CÔRO

Sem ter vintem, ó que alegria!
Aqui nas praias tudo é lida,
Os tolos perdem, na folia,
Mas quem é 'sperto faz a vida!

UMA BANHISTA

Logo ao romper da madrugada
Agente vae tomar o banho...
E sae do mar bcm consolada,
Assim, com garbo e arreganho!
«Que lindas formas, diz alguém,
O' minha flôr que bellas são».
Peça á mamã, se lhe convem,
Que lhe conceda a minha mão.

(O côro repete)

Seguem-se após os pic-nics,
O jogo, o tennis, os passeios...
P'lo braço d'homens, todo chics,
Em ternos, dôces, galanteios...
Mas se elles querem, no casino,
Fazer depois uma vaquinha...
E' bom dizer-lhes: «Vê menino,
Não dê a vacca em vitellinha.»

Duetto de Dadá e Gigi

DÁDÁ

Não sei dizer o que isto é,
Não sei dizer, não, meu Gigi!
Já perguntei ao Padre Zé,
Que é muito amigo da Titi.

GIGI

E que te disse elle ?

DÁDÁ

Fungou, tornou a fungar, puchou do
lenço encarnado, metteu dois dedos
de rapé na batata e explicou-me: «A
menina nunca viu os gatinhos e as
gatinhas. ás marradinhas uns aos ou-
tros ? Pois, com os meninos, dá-se o
mesmo: é tudo uma questão de...»

Reminhau, reminhau !
Reminhau fu, fu,
Se eu fizer reminhau,
Reminhau faz tu.

GIGI

Tambem não sei, minha Dádá,
O que isto é, por vida minha,
Vou perguntar ao meu papá
Ou á criada da cosinha...

DÁDÁ

E se elles não te explicarem ?

GIGI

Aprendo comtigo. — Para te dizer a
verdade, não deixo de estar d'accordo
com essa coisa do...

Reminhau, reminhau !
Reminhau, fu, fu,
Se eu fizer reminhau,
Reminhau faz tu.

DÁDÁ

Té dos autores do Ó da Guarda,
O que isto era eu quiz saber...
Mas qualquer d'elles se alaparda,
E não me sabe responder.

GIGI

Ai não ?

DÁDÁ

O Barbosa diz-me que faça como os pom-
binhos e o Luiz d'Aquino que faça
como os gatos ; assim :

Reminhau, reminhau, etc.

GIGI

Eu tambem fui, por minha vez,
Os dois maestros consultar...
Ambos me olharam de revés,
Porem, sem nada adeantar...

DÁDÁ

Hom'essa !

GIGI

O Filgueiras diz que não intende dessa
musica ; mas o Fillipe Duarte, esse,
pegou na rebecca e foi logo :

Reminhau, reminhau, etc.

O Progresso

Já parti ambos os braços,
Co' a mania do cyclismos ;
Já fiquei em mil estilhaços,
Todo eu sou traumatismos.

Jogo o tennis e uma bola,
Uma vez levou-me um olho ;
Uma brecha fiz na tóla...
Não me rala estar zarolho.

Isto é sport, digo e direi!
E por isso, qual pocesso,
Grito e sempre gritarei:
Viva o Progresso !

A luctar fui um casmurro ;
Fui vencido só por um...
Esse gajo deu-me um murro,
Que fiquei sem dente algum!

De ladeira p'ra ladeira,
D'automovel, pressuroso,
De comer tanta poeira,
Té já 'stou tuberculozo...

Mas como é doença chic,
Gritarei como um processo,
Muito embora eu entisique:
Viva o Progresso!

Hespanhol e Hespanhola

ELLA

Venimos de Madrid,
Ahora mismo, ahora mismo!

ELLE

Sin, sin, ahora mismo,
Ahora mismo—*bis*

ELLA

Lhegados hoy aqui,
D'automatismo—*bis*

ELLE

Si, si, d'automatismo,
D'automatismo—*bis* (*dancam*)

VENTURA (*enthusiasmado*)

Caramba! caramba! Hija de mi alma,
hija de mi coraçon!

ELLA

Los dos somos maestros
De calidad.

ELLE

Si, si, de calidad,
De calidad!

ELLA

fazendo disfarçadamente menção de roubar

Mas guapos e mas diestros,
No los hay cá—*bis* (*dancam*)

TODOS

Mas guapos e mas diestros,
No los hay cá—*bis etc., etc.*

7.º QUADRO

Companhia das Aguas

QUADRO NOVO

Côro de abertura

Viva, viva o Alviella,
Nosso rei tão respeitoso;
Rei que humedece a guella
A quem esteja sequioso.
Viva, viva o grande rei,
O primeiro entre os primeiros;
Rei que decretou a lei
D'ajudar os aguadeiros

ALVIELLA

Obrigado meus vasalos!
Cesse aqui a homenagem;
Esses vivas, ireis dal-os,
Logo, a outro personagem,
Que virá não tarda nada
Minha côrte visitar.
Quero que á sua chegada
Hája vivas a fartar!
Ninguem ha que não affirme
Que uma tão nobre visita
Tem a mão suave e firme
E parece mesmo o Pitta...

Agua molle em pedra dura

ELLA

Não insista, meu senhor,
Não me siga por favor;
Do contrario chegará
Aos ouvidos do papá.

ELLE

Mas lá diz o tal ditado,
Que, com geito e com cuidado,
Agua molle em pedra dura,
Tanto dá até que fura...

Dou-te trens, dou-te automoveis,
Doute casa, ricos moveis,
Dou-te joias de valor
E por cima o meu amor

ELLA

Ai! que sae certo o dictado,
Que com geito e com cuidado:
Agua molle em pedra dura,
Tanto dá até que fura.

Se é verdade o que me diz,
Eu seria bem feliz...

ELLE

Meu amor, minha beldade,
Eu não te falto á verdade...

Os dois

Agua molle em pedra dura,
Tanto dá até que fura...

Aguas de bacalhau

I

Berro a valer lá nos comicios,
Assim que vejo o caso máo
D'ahi a pouco os sacrificios
Dão em aguas de bacalhau...

II

Quero deitar a albarda ao ar
E varrer tudo a varapau!
Mas, no momento de lhes dar,
Dou em aguas de bacalhau...

III

Eu vejo só só empecilhos!
S'tá tudo caro em alto gráo!
Vou p'ra gritar e ao ver os filhos,
Dou em aguas de bacalhau...

IV

Mas se me cheira uma toirada
C'o Cocherito de Bibao
Na praça, então, faço chiada
E deixo as aguas de bacalhau...

3.º ACTO — 9.º QUADRO

Côro geral

(Um galope)

O governo faz propostas,
Para tudo reformar...
Eis aqui já as amostras,
De que as cousas vão mudar.

A REFORMECA

Muda o tempo e muda o sizo,
Só não muda o desafôro;
As pequenas, se é preciso,
Tambem mudam de namoro.
Como quem muda uma estaca,
Tudo muda a toda a hora:
Até mudam de casaca
Os politicos d'agora.

CÔRO

O governo faz propostas,
Para tudo reformar...
Eis aqui já as amostras
De que as cousas vão mudar.

UM ARTISTA

Sou artista, um grande artista,
Pinto a oleo e sou brochante,
Um notavel paisagista,
Um pintor mirabolante!

Agua de Moura

Já no tempo dos taes moiros
da moirama,
Possuia muitos loiros:
tinha fama!

Mato a sede, *mal adeja*
de repente,

Um franquista *ou mesmo seja*
dissidente...

Salta a rolha ao setestrello,
Ao abrir-me e, quando estoura,
Salvas são no meu Castello...
No meu «Castello de Moura»

II

Em garrafas ou bebida
na nascente,
Elixir sou que dá vida
a um doente!

Muito leve e saboroso
Paladar,
Se houver um mais sequioso
E só provar...

Salta a rolha as setestrello, etc.

Pinto portas e paredes,
Pinto annuncios, taboletas,
Sempre á brocha, como vêdes,
Vou nas tintas, nas palhetas!

CÔRO

Pinta portas e paredes,
Pinta annuncios, taboletas,
Sempre á brocha, como vêdes,
Vae nas tintas, nas palhetas!

Artista

Eu revello tal pericia,
Tenho á arte tal amor...
De maneira que a policia
Poz-me a alcunha do Pintor
Pinto a manta, com a pasma!
E tambem co' a mancipal;
Faço em tinta e em cataplasma
Té o proprio tribunal.

CÔRO

Pinta a manta, com a pasma,
E tambem co' a mancipal;
Faz em tinta e em cataplasma
Té o proprio tribunal.

Arte nova

Toda a saia tem carencia
De se erguer, mas com sciencia,

Assim mal arregaçada,
Quer dizer que não vae nada...
Bem puxada, assim detraz:
«Queira vir e seja audaz».
Muito lisa, aqui á frente,
Quer dizer: «ai não me tente».

CÔRO

Arregaça a saia—*bis*
Mas a valer!
Mostra as sedas e a cambraia
E mais o resto que ainda ha p'ra ver...

Arte nova

Pondo á mostra o tornozello,
Do amor prompto accende o zelo..
Em mostrando um pouco a perna,
Logo exprime afeição terna...
Se das calças mostra as rendas:
«Eis-me aqui, mas não me offendas.»
Mas se sobe mais acima,
Isso então... «adeus ó prima.»

CÔRO

Arregaça a saia—*bis*
Mas a valer!
Mostra as sedas e a cambraia
E mais o resto que inda ha p'ra ver...

Coplas da Contradicção

CONTRADICÇÃO

Póde ou não póde, eis a pergunta,
Que a minha bola desconjuncta,
E a consciencia me sacode:
Póde um sujeito, mettediço,
Comer tres kilos de chouriço?

Póde.

VENTURA

Conforme: póde.

CONTRADICÇÃO

Porem, depois de os ter comido,
O tal sujeito intromettido,
Sem que o tendeiro se accomode,
Póde repôl-os, d'uma vez,
Alli, na tenda, todos trez?

Não póde.

VENTURA

Talvez póssa...

CONTRADICÇÃO

Póde a Gertrudes Mó Farinha,
Toda dengoza e córadinha,
Sem que ninguem de doida a apóde,
O seu cadete namorar,
S'petada, lá, d'um quarto andar?

Póde

VENTURA

Por signaes, póde.

CONTRADICÇÃO

Mas só de longe, namorando,
E por signaes communicando,
Co' o rapazola, sem pagode,
A Gertrudinhas, certo dia,
Póde soffrer de hydropsia?

Não póde.

VENTURA

Talvez póssa, pelo telephone...

CONTRADICÇÃO

Póde um marido tolerante,
A espoza achar, e' o o proprio amante.
E não gritar — ai quem me acòde! —
Por vêr que a couza não vae boa,
E sem ser rei, lhe põem e'rôa...

Póde

VENTURA

Póde..... ha d'esses.

CONTRADICÇÃO

Mas, se esse esposo, extraordinario,
Callar o bico e, p'lo contrario,
Com tal negocio se acommòde,
Embora accêso como um forno,
Póde evitar que o chamem..... môrno?
Póde?

VENTURA

Isso póde elle!

O Gungunhana

A filha do Gungunhana
Ai, ai, que delirio, ai, ai, ai, ó-é!
Eu sou a preta magana.
Que toda se abana, no seu balancé!

Janota e zarabatana,
Ai, ai, que delirio, ai, ai, ai, ó-é!
Eu remexo a patrazana,
Qual linda sultana, com todo o gajé.

Quando eu passo, «adeus, ó mana»!
Ai, ai, que delirio, ai, ai, ai, ó-é!
Me diz, por forma tyranna,
Ali, na Africana, qualquer lagalhé!

Na baixa eu danço a pavana,
Ai ai, que delirio, ai, ai, ai, ó-é!
Na volta quotidiana,
Que faço, á semana, dando ao petipé.

1.^a e 2.^a Granadeira

E' clamar! E' dar aos folles,
Mas com força e com tesura!
Nós não qu'remos coisas molles,
Qu'remos só a ditadura.

CÔRO

Trá-trá-trá
etc.

1.^a e 2.^a GRANADEIRA

Um governo tezo e fero,
Fomos já pedir ao centro,
Que reduza o povo a zero,
E nos metta os tampos dentro.

CÔRO

Trá-trá-trá
etc.

11.º QUADRO

Côro

S'tamos tartos, cebolorio!
Já parece mangação!
Precisamos que o Liborio
Aceite isto p'ró leilão!
Ah! Ah! Ah! Ora não ha!
Esta é bôa, sim senhor!
Venha a porta abrir-nos já,
Abra a porta por favor!
Louças, camas e cadeiras
Nós trazemos p'ra vender,
Té banquinhas-cabeceiras
Aqui 'stão, é só 'scolher!
Ah! Ah! Ah! Isso é engano,
Já não é liquidadora.
Abra, abra, seu marçano,
Que nos qu'remos ir embora!

Severa

As Severas d'hoje em dia,
Já não andam no fadario:
'Todas são da fidalguia,
São da Noite do Calvario!
Chorae fadistas, chorae,
Que a Severa já morreu!
Fadista, como a Severa,
Nunca no mundo appar'ceu!
Já não ha marquez de Niza,
Já se foi o Vimioso,
E acabou-se, d'esta guiza,
O bom fado rigoroso
Chorae fadistas, chorae,
Etc. etc. etc.

Inda existe a Mouraria,
P'ra regalo cá do fado!
Da desgraça ninguem ria,
Que é triste o ser desgraçada!...
Chorae, marialvas, chorae,
Já não há honra nem brio!
O grande fado já cae,
Pelos bancos do Rocio.

Cantando, assim, á fadista,
Com muito amor e carinho,
Não ha ninguem que resista
Ao bom fado choradinho...

Cantae o fado, cantae,
Chibantes, como a cigarra,
Pois que o fado é nosso páe,
E é nossa mãe a guitarra.

De banza, assim, afinada,
Ninguem me leva a melhor!
Ninguem canta á desgarrada,
O fado, com mais amor!

Chorae, galderias, chorae,
Que esta vida é p'ra soffrer,
Da desgraça nunca sae,
Quem um dia, foi lá ter.

Quem queira cantar o fado,
No fado tem de viver,
P'ra cantal-o, o desgraçado,
No fado é que ha-de aprender...
Chorae galderias, chorae, etc.

Avenida

DUETTO

D. PHYGIA

Tu déste a morte ao Normal,
Com concursos e salzadas,
Mas das taes favas contadas,
Foste a vida principal.

Ó senhor dos navegantes
Isto agora, e com razão,
Já vae melhor do que d'antes
Sem haver concentração.

MEXIAS

Já passou o tempo antigo
— Ai! que tempo tão ameno —
Em que eu caçava contigo,
N'esse tal mesmo terreno.

(Refrain)

D. PHYGIA

Andam damnados contigo,
Do paiz os municipios,
Porque julgam vêr em p'rigo,
Os taes inmortaes principios.

(Refrain)

MEXIAS

P'ra quem commigo se amua,
Tenho boas soluções:
Ponho-os a todos na rua,
Sem lhes dar estifações.

(Refrain)

D. PHYGIA

N'uma sanha féra e louca,
Tudo grita e desafina;
Tu, porem, d'orelha mouca,
Vaes-lhe indo para cima!

(Refrain)

MEXIAS

Contra a ordem do serviço,
Grite, embora, toda a gente!
Que eu não m'importo com isso:
Meu caminho è só p'rá frente!

(Refrain)

D. PHYGIA

Toma tento, faz-te esperto:
E não sejas carniceiro...
Olha que vaes parar perto:
Dás co'as ventas n'um sedeiro.

(Refrain)

MEXIAS

O paiz todo em fervura,
Hei de pôr, xim, afinal,
Quero tudo em dictadura,
Pois xou muito liberal.

(Refrain)

D. PHYGIA

Teu reinado è dos primeiros,
Chega a ser phenomenal,
Visto que n'elle os barbeiros
Já dão raid, Burrical!

(Refrain)

MEXIAS

O tal raid burrical
Eu cá julgo-o coherente,
Prova que n'esse animal
O caminho è só «p'rá frente»

(Refrain)

12.º QUADRO

SÃO ORDDES!

QUADRO NOVO

Côro de bufos

O olho muito aberto,
P'ra traz e para a frente;
Ninguem ha mais esperto,
Ninguem mais do cá gente.

CHEFE

O ouvido sempre á escuta,
A cara sempre dura,
Levando tudo á bruta,
Que o manda a dictadura.
Sem fallas sem mais prosa,
Assim, de lei alçada,
E' dar na pavorosa
Lambada e mais lambada.

CORO

Lambada e mais lambada!

CHEFE

Ao broco libaral
E' dar sem compaixão,
Mas com ar *panternal*
E com circunspecção.

Lixal-os bem á teza,
Chegar-lhes com furôr.
Mas com delicadeza,
Carinho e muito amôr.

CORO

E quem faça questão,
Quer tenha ou não razão,
E' logo, pois então,
E' logo, cagarrão.

VENTURA

Vivo sempre satisfeito,
D'alegria sempre cheio,
Pois ou seja ou não direito,
Eu s'tou sempre no meu meio.
A minha ama me contava,
Que eu petiz, inda de seio,
Quando á noite me deitava,
Q'ria sempre estar no meio.
Quando eu entro para um carro
E vou dar o meu passeio,
Se com filha e mãe eu 'sbarro,
Vou das duas, vou, no meio.

Com a Brites, nas questões,
Muitas vezes ponho um freio ;
Mas ao cabo das razões,
Eu cá vou sempre no meio !

Silenciosas

Coro

As mulheres dos bufos, perspicazes,
Aqui s'tão, como muito bem se vê,
Do que nós, a cocar, somos capazes
Ninguém sabe, nem sequer prevê.

1.ª AGENTE

E' bem difficil de dizer
O nosso nome algo encravado..

Quem bem nos queira perceber,
Tem que auscultar-nos do outro lado...
Ha na policia auxiliares,
Que o povo trata com arrufos,
Dando de si uns grandes ares
E que alcunhados são de bufos.
Ora, como hão-de então chamar-se
Os bufos femeas, tão cheirosas,
Dizei-o já e sem disfarce:
As femeas são... silenciosas.

Coro

As mulheres dos bufos etc.



12.º QUADRO
SÃO O R D E M !
QUADRO NOVO

1.ª AGENTE
E' bem difficil de dizer
O nosso nome algo encravado..

Coro
As mulheres dos bufos etc.

